

Múcio Athayde, agora, quer ser governador de Brasília

João Alberto Ferreira

Brasília—1974. Avenida Atlântica, Copacabana, Rio de Janeiro. Múcio Athayde venceu rápido as escadas que o separavam do escritório de arquitetura de Oscar Niemeyer. Na cobertura, investiu uma vez mais. “Carlos, vamos à rua conversar”. Carlos Magalhães, que então dirigia o escritório, consentiu. Sem sucesso, Múcio tentara levá-lo para sua empresa — Desenvolvimento Engenharia — inúmeras vezes. Na avenida, Múcio o convidou a entrar numa Mercedes-Benz do ano: “Seu contrato começa com esta Mercedes”. Calmo, Carlos sorriu e encerrou a conversa:

— Múcio, não aceito porque desta Mercedes, você não pagou nem a entrada.

Múcio Athayde, 49 anos, um político obstinado, agora vai tentar ser o governador do Distrito Federal. Deputado eleito pelo PMDB de Rondônia em 1982, aguarda ansioso um acordo de lideranças que leve a plenário o parecer do senador Alcides Saldanha (PMDB-RS), já aprovado na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, estendendo as eleições de 1986 em Brasília — atualmente válida só para três senadores e oito deputados — também a governador, vice e 24 deputados estaduais.

— Eleito, vendo todos os carros oficiais do governo e, com o dinheiro, compro ambulâncias —, grita Múcio, montado num trio-elétrico que o acompanha nas suas andanças pelas nove cidades satélites do Distrito Federal; o povo o aplaude. Com uma das mãos acena um de seus dez chapéus. Com a outra, atira dezenas de chapéus de palha com seu nome, disputados a tapas. “Não haverá mais banquetes. Se tiver que homenagear alguém, o farei sobre um palanque, em praça pública, e não em salões fechados, em coquetéis regados a uísque escocês”, promete, antes de seguir para uma outra cidade satélite.

Seus cartazes estão espalhados aos milhares por todo o Distrito Federal. “Queremos Múcio, o homem do chapéu”, dizem. Uma pequena fábrica de chapéus que comprou em Anápolis, Goiás, abastece sua ascendente candidatura em Brasília. Uma pesquisa feita pelo Ibate (Instituto Brasileiro de Análise e Estatística) o coloca em primeiro lugar em qualquer eleição no Distrito Federal, com 40% da preferência. Os outros 60%, estão divididos entre 13 concorrentes.

Múcio aposta alto em sua vitória. Em fevereiro de 1984, enquanto o presidente Tancredo Neves, recém-eleito pelo Colégio Eleitoral pensava no nome de Carlos Murilo para governar o Distrito Federal, as nove correntes do PMDB se reuniam na casa do Onísio Tostes, no Lago Sul, para discutir a partilha dos cargos. Foi uma discussão acalorada, que Múcio acompanhou calado. No final da reunião, os pemedebistas olharam para ele e um deles arriscou: “E você?”, Múcio contabilizou os déficits de moradias —

100 mil — e de empregos — 120 mil desempregados — que o novo governo teria no espaço de um ano e meio que o separava das eleições e disse:

— O governo não terá tempo de fazer nada. Sou rico, tenho um veículo de comunicação e vou faturar sobre o mau governo.

Considerado pelos pemedebistas como “o nosso Paulo Maluf”, ele acaba de comprar o jornal *Última Hora*, de Brasília, uma gráfica de um jornal dos Diários Associados de Juiz de Fora (MG) e já anuncia que com ela lançará os jornais *O Povo de Goiás* e *O Povo de Rondônia*.

Múcio ainda pretende ampliar mais o seu império. Com dois processos no ministério das Comunicações, pretende aumentar a potência da Rádio Formosa, no interior de Goiás, e instalar uma torre de retransmissão para levar as imagens da TV Goiás, de Goiânia, para o Distrito Federal. As duas emissoras foram comprados no ano passado.

Como prometeu, não dá sossego a seus inimigos, quase todos do seu próprio partido. “O meu PMDB não do PMDB de salão”, diz, com as baterias apontadas para o governador José Aparecido de Oliveira. Na *Última Hora*, em manchetes garrafais, ridiculariza as obras do governador, como a ciclovia, uma pista de lazer no Lago Sul:

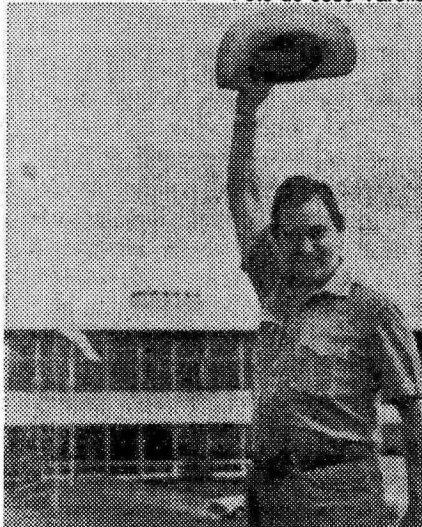
— Ciclovia não liga nada a coisa alguma. Não queremos ciclovia, queremos moradia.

O objetivo do PMDB é vê-lo em outro partido. “Queremos que ele se sinta expelido e compre outra sigla. Só não o queremos no PMDB”, afirma um veterano pemedebista na capital, que ocupa um alto cargo no governo de José Aparecido de Oliveira.

Múcio, que tornou-se conhecido em 1963, quando casou com Stael Maria Abelha, miss Brasil 1961, não se deixa atingir:

— Vou ficar no PMDB, quem quiser que saia.

Brasília — Foto de José Varella



Tido como o Maluf do PMDB, Múcio já está em campanha